



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

4. EDUCAÇÃO

RIO DE JANEIRO, 10 DE OUTUBRO DE 1964

NO PALACIO DA CULTURA, DURANTE O
ENCERRAMENTO DO V FORUM NACIONAL DE
REITORES.

Ao encerrar o Forum de Reitores, reunião periódica que congrega personalidades das mais responsáveis pela nossa vida universitária, é oportuno exprimir-vos o pensamento do Govêrno em matéria de tanta relevância.

Realmente, poucas tarefas terão o alcance da confiada às Universidades. Nas atuais circunstâncias, não lhes cabe apenas preparar cidadãos de alto nível cultural, aos quais estará entregue a missão de impulsionar o desenvolvimento do País, propiciando-lhe os caminhos abertos pela ciência e pela técnica. É que, vivendo uma época marcada pelo signo da transição, e por isso mesmo aberta a tôdas as idéias, é necessário que a Universidade seja também instrumento capaz de criar condições adequadas para formar e preparar a consciência democrática das novas gerações.

Estou certo, aliás, de que nos debates, proposições e resoluções decorrentes do conclave agora findo, não escapou à vossa percepção, e sobretudo à experiência, de cada um, a posição do povo brasileiro, do qual, em verdade, são os estudantes, de certo modo, um reflexo e, concomitantemente, um fator inarredável. Seria êrro imperdoável imaginarmos que a Nação, passados os acontecimentos de abril, aspira estagnar-se em fórmulas políticas, sobretudo sociais, incompatíveis com o nosso tempo. Longe disso, o que o povo aguarda, e com razão, é que da vitoriosa Revolução possam surgir soluções justas para muitos dos angustiantes problemas que nos afligem, inclusive os mais imediatos, como são os do custo de vida,

do abastecimento, do equilíbrio orçamentário e da retomada do desenvolvimento.

Natural, portanto, que a mocidade estudantil, com os transbordamentos e os entusiasmos tão próprios da juventude, se sinta chamada para participar e influir nos rumos do País. Por isso mesmo o dever dos que têm a seu cargo orientá-la não deverá ser o de tentar sopitar-lhe os anseios, e sim fazer com que êstes não sejam desviados para rumos perniciosos à própria vida universitária. Não faz muito que, ao falar no Ceará, tive ocasião de enunciar que «uma universidade não é um campo neutro frequentado pelos que têm gosto pelas delícias intelectuais, nem é apenas o centro de formação de profissionais liberais, ou de pesquisadores e professores. É muito mais do que isso. Representa um organismo vivo, em permanente e recíproca comunicação com os anseios e aspirações populares, que deve atender ou corrigir quando necessário». Hoje, não tenho por que mudar de opinião.

E se acentuo êsse pensamento é para não pairar dúvida quanto à posição do Governo em face do movimento estudantil. Bem sei, e isso é de vosso inteiro conhecimento, que, em tal movimento, existem setores vinculados à subversão. Cumpre localizá-los e detê-los. Mas, a verdade é que isso jamais será obtido por meio de leis, decretos, ou regulamentos. O Governo não pode ser o fundamento da autoridade do corpo docente. Acima de tudo, ela deverá assentar nos conhecimentos de cada um, nas qualidades pedagógicas, na presença ativa e dominante, face aos alunos. O omisso ou o ausente, aquêles que foge aos problemas, muitas vêzes áduos e numerosos, com que necessariamente se terá de deparar no exercício do magistério, jamais logrará a consideração dos estudantes.

Aos reitores e professores, graças à autêntica posição de liderança no meio estudantil, deverá caber a importante missão de tornar irrelevante, se não insignificante, a ação deletéria dos que se encontram, não a serviço da classe acadêmica ou das aspirações nacionais, mas inspirados pelo desejo de subverter e destruir. E tal posição de liderança sômente será alcançada por aquêles que, pelo conhecimento, pela dedicação ao ensino e também por indis-

cutível autoridade moral, forem capazes de se impor à estima, ao aprêço e à admiração dos alunos. Cabe-lhes repor o ensino na sua precípua finalidade: propiciar novos conhecimentos aos estudantes ao mesmo tempo em que promove a ampliação da cultura.

Mas, não é demais assinalar que para se repor a Universidade brasileira no rumo dos mais altos interesses nacionais, nos quais há que considerar, em primeiro plano, os interesses dos estudantes, é indispensável contar-se com a integral colaboração dos professores. Os alunos, por circunstâncias diversas, podem errar; os seus mestres, no entanto, jamais podem fazê-lo. Até porque os erros daqueles são corrigíveis, enquanto os destes costumam ter conseqüências definitivas.

Daí a preocupação em que se encontra o Govêrno de reformular profundamente a vida universitária brasileira naquilo que diz respeito ao professor. Especialmente no que se refere à sua completa integração nas atividades educativas. Já é tempo de considerarmos que a tarefa do professor deve ser exclusiva, pois qualquer outra lhe será prejudicial, inclusive por permitir a capacidade ociosa das universidades, fonte permanente de desajustamento entre estudantes ou professores. Nesse sentido posso ter mesmo a satisfação de antecipar que é pensamento da atual administração solicitar ao Congresso Nacional o estabelecimento de normas sôbre o tempo integral, que está a reclamar nôvo conceito, a fim de se ajustar às necessidades do ensino superior. De fato, não há como exigir dos professores total dedicação ao ensino se não lhes proporcionamos meios condizentes com as suas necessidades. Não há por que termos qualquer ilusão no particular: sômente percebendo remuneração condigna sentir-se-á o professor em condições de se votar integral e exclusivamente ao magistério. E é isso que o Govêrno deseja e espera poder propiciar-lhe, a fim de se dar início às fundas transformações reclamadas pelo nosso sistema universitário.

Acreditamos fazer assim da Universidade uma verdadeira comunidade, na qual, sem prejuízo da hierarquia de valores educativos, cada qual no pôsto que lhe compete, nada deixe de estar

subordinado às exigências do ensino. O professor deverá ter, se não o orgulho, pelo menos o amor às suas elevadas funções, do mesmo modo que o estudante, antes de pretender um simples diploma, desejará alcançar amplos conhecimentos que lhe permitam, em qualquer circunstância, ser útil elemento ao progresso e à prosperidade da sociedade.

Em verdade, se bem atentarmos para a vida universitária, será essa identidade entre professores e alunos, todos empenhados na conquista de um mesmo e alto objetivo cultural, que proporcionará o clima de tranqüilidade e segurança indispensável ao progressivo aperfeiçoamento cultural. É dentro da Universidade, pelo crédito que lhe inspirem os elementos dirigentes, que os alunos deverão começar por encontrar não apenas a confiança, mas também o estímulo inseparável de qualquer ascensão destinada ao aprimoramento cultural. Quando êsse clima de perfeito entendimento entre mestres e alunos vier a ser alcançado, poderemos ter a certeza de que o ensino superior do País estará a salvo de perturbações, incompreensões e até mesmo agressões que, porventura, venham a atingi-lo. E as novas idéias, aquelas de cujo aparecimento, análise e aproveitamento pende a cada momento a própria vida cultural dos centros universitários, poderão medrar livremente. Nem terão o que temer, nem haverá por que temê-las se trazem a chancela de ambientes em que não haja preocupação maior do que a do constante progresso cultural do País.

Aliás, por subestimarem a fundamental importância daquela identidade entre professores e alunos, é que muitos se têm deixado arrastar por interpretações inexatas, quando obrigados a considerar setores menos voltados para o aperfeiçoamento da comunidade universitária do que para o fortalecimento das próprias ideologias. E é justamente isso que cumpre evitar, fazendo com que a Universidade, embora permitindo o debate e o choque das idéias, não se transforme num campo em que o ensino, afinal, passasse a ocupar lugar secundário, tais as paixões desencadeadas em seu meio.

Sem se afastar daquelas normas que, na vida do país, colocam em primeiro plano os problemas da cultura e da educação,

bem como tudo que é essencial ao seu incessante aperfeiçoamento, como a liberdade de cátedra, a autonomia universitária e o respeito a professores e alunos, o Governo está certo de poder contribuir vigorosamente para o fortalecimento da vida universitária.

Ao voltardes, pois, às vossas Universidades, podeis ter a certeza não apenas de que tendes sob a vossa responsabilidade uma das mais importantes e difíceis tarefas do nosso tempo e do nosso futuro, mas também a convicção de que o Governo vos proporcionará o clima de segurança e tranqüilidade indispensável à vida universitária. Não tereis mais que temer o ambiente de subversão e inquietação no qual os objetivos políticos se sobrepunham a todas as conveniências do ensino. Agora, livres das distorções a que estavam submetidas as Universidades, encontrareis o ambiente próprio à fecunda convivência entre mestres e discípulos, todos voltados para o desenvolvimento da cultura nacional.

Espera, pois, o Governo que, ao reiniciardes as vossas atividades após a reunião agora concluída, levareis às vossas unidades, aos vossos colegas e aos vossos alunos, uma palavra de alento e renovação a fim de imprimir ao nosso ensino superior a mesma orientação de reforma e progresso, que deve ser a marca dos nossos dias.

Senhores Reitores: ao transmitir-vos as saudações do Governo, faço-o da maneira mais calorosa, certo de que em vossas mãos, em grande parte, está o futuro do Brasil.